

Estrangeiros criticam política educativa nacional

Estatuto. Sindicalista espanhol diz que se desfez "uma referência internacional"

O sindicalista espanhol José Campos Trujillo, da direcção mundial da Internacional da Educação (IE), acusou ontem o Governo português de estar a pôr em causa um estatuto da carreira docente (ECD) que era "uma referência internacional", com as alterações que tem vindo a introduzir no diploma.

"Enfraquecer esse estatuto como se fez [em Portugal] parece-nos um acto tremendo por parte do Governo", acusou. "O que lhe pedimos é que reflecta, porque esse estatuto era a referência de toda a Europa"

Para Campos Trujillo, convidado pela Federação Nacional dos Professores (Fenprof) para as celebrações do Dia Mundial do Docente, as medidas do Ministério da Educação português conduzem a um modelo "hierarquizado" e "discriminatório" de gestão das carreiras dos professores, que "não vai ajudar" Portugal a cumprir as suas metas educativas. "Os professores são o agente mais importante da educação e quem, no final, aplica a lei na sala de aula", avisou. "Entrar numa gestão empresarial e privatizadora no ensino público nunca deu resultado".

Também Claudie Martens, co-secretária-geral do SNES/FSU, um dos maiores sindicatos docentes de

França, veio a Lisboa por "solidariedade" para com os professores portugueses, que considera estarem a conviver com problemas muitos semelhantes aos dos franceses.

"Em ambos os países está a ser posto em causa o nosso estatuto, a nossa carreira de professores, e sentimo-nos completamente solidários com aquilo que vivem os professores portugueses", disse a professora, que acusou ambos os governos de "estigmatizarem" os docentes.

"Na generalidade dos países europeus, há uma tendência dos governos para justificarem medidas comparando-se com os vizinhos do lado", acrescentou. "Mas nunca compa-

"Estatuto docente português era um modelo na Europa"

ram todos os indicadores: os salários, as horas de trabalho, o número de aulas dos alunos. Todos os países têm pontos fortes e fracos. Deveríamos concentrar-nos mais nos primeiros em benefício de todos".

Mário Nogueira, secretário-geral da Fenprof [ver página 5], desafiou a ministra, Maria de Lurdes Rodrigues, a "reunir com os sindicatos, algo que não acontece há dois anos", para "ouvir as suas opiniões, que não se esgotam apenas em questões laborais". ■ PEDRO SOUSA TAVARES



Sindicatos espanhóis e franceses solidários com docentes portugueses